

Carlos Vilela

Auto da Nave dos Loucos

Stultifera navis

Romance



ESFERA DO CAOS
EDITORES

Título

Auto da Nave dos Loucos
Stultifera navis

Autor

Carlos Vilela

Direitos Reservados

© Esfera do Caos Editores Lda e Autor

Design

Flukstudio

Impressão e Acabamento

Papelmunde SMG Lda

Depósito Legal

XXXX

ISBN

989-8025-14-X

1ª Edição

Novembro de 2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande

Apartado 52199

1721-501 Lisboa

esfera.do.caos@netvisao.pt

www.esferadocaos.pt

I

Francisco Lourenço, cirurgião-mor do Presídio da Vila de Santos, no litoral paulista, riscou na ardósia da memória o dia exacto para fazer um primogénito. Fazer é o termo correcto, pois, macho que monta — gera. Ésquilo não fora apenas poeta e os Antigos ainda nos escondiam muitos destes saberes. Mas, porque a humidade torna indelével a leitura da ardósia, o melhor seria Francisco Lourenço repetir, pelo menos sete vezes, a fórmula demiurga: possuir a mulher ao primeiro sábado após a menstruação que coincidir com a terceira noite depois da lua cheia. A seguir ao coito, a mulher ficará de pernas abertas, viradas para cima, contra a parede. Ao mesmo tempo, manterá o crucifixo repousado na testa enquanto dará sete voltas ao rosário com recitações de S.^{ta} Brízida, de S. Germano de Auxerre e de S. Cirilo de Alexandria, que tivera onze filhos, todos garbosos rapazes. A grávida não deverá usar adornos ao pescoço, para que a criança não nasça com marcas no corpo. No último

mês, será colocada uma imagem do Menino Jesus, bem gordinho, para que o recém-nascido se pareça com ele e, claro, o futuro pai oferecerá o peso do recém-nascido em trigo.

Seguira tudo a preceito, conforme indicara a ti Joana-das-Pernas-Tortas à sua mulher, em visita nocturna, para não acordar denunciadores e informadores e demais bufos da Inquisição. Desta vez, tudo indicava que o casal fora atendido, tal a devoção posta e a maldição decomposta. Pelo menos, a gravidez parecia normal, mas faltava a prova mais dura, a passagem da criança pela boca do corpo.

Francisco Lourenço, apesar de cirurgião, em matéria de partos não se envolvia, era mister de parteira. Para estes mistérios de partos e nascituras direitas não havia nada como uma mulher para mexer tal panela. De nada lhe servia a leitura da “*Elengantissima*” de Zacuto Lusitano ou a de Francisco Sanches, nem o antimónio ou os Pós de Quintílio. Não eram remédios que se aplicassem neste difícil officio de fazer parir. A mulher, Maria Álvares, que agora transpirava e gemia de dores e ansiedade, por qualquer mecanismo do Diabo, só lhe tinha dado duas filhas, quis o Senhor Pai que tais fetos fossem expulsos já mortos do útero materno, ou então, o erro não resultara apenas da finitude humana e fora a Besta que interferira.

A viúva Maria Brites, parteira sem profissão assumida, mas reconhecida por todas as aflitas, era uma velha crente. Contudo, quando tocava ao desempenho do officio, não queria ao pé de si rezas ou benzeduras de mulherio, muito menos nóminas abacadabrizantes,

pois só a atrapalhavam, gostava de dizer, sempre e em voz alta, antes de entrar pelas casas, choupanas ou pardieiros. A única reza fazia-a no seu humilde casebre de saibro, antes de assistir a parturiente, o que a ajudava a afastar os malefícios de alguma bruxa que se fixasse na mulher prenhe: “*Tu és ferro e eu sou aço; Foge diabo que te embaço.*”

Maria Brites, mulher experiente, não tivesse ela parido onze filhos, preparou-se para mais uma tarefa. Havia muito tempo que deixara crescer a unha do indicador direito para, em caso de emergência no trabalho do parto, romper a bolsa das águas. Diziam as línguas más, à boca pequena, que era o sinal e a prova que seria uma bruxa, mas todos sabiam que as parteiras, havia muitos anos, tinham sido impedidas por lei de utilizar quaisquer instrumentos. Estes ruídos pairavam no ar como fumo inamovível, tornando a sua vida num sobressalto constante, tentando disfarçar o terror da suspeita e de se ver confrontada com a bula papal contra as bruxas. O “*Malleus Maleficarum*”, cujo nome lhe gelava o sangue e a coluna vertebral, conhecido pelo “*Martelo das Feiticeiras*”, onde estavam vertidas as instruções para erradicar a bruxaria. Nunca vira ou lera tal livro, aliás, nem sabia ler, mas sabia, como toda a gente, as consequências das transgressões. Algumas frases tinha-as fixado depois de tanto as ouvir: “*Quando uma mulher pensa por si mesma, pensa no mal*” e “*só elas são responsáveis pela impotência do homem, seduzem-nos e destroem-lhes a alma*”. Palavras que jamais esquecera e que a atormentavam quando à noite queria dormir, sentia o frio

escuro, húmido e acusador do medo solitário. O mundo era pequeno e perverso, a ignorância não tinha fim, por isso, a verdade era um conceito inquisitorial.

O previsível pai estava convencido que se não fora o Mafarrico, nas anteriores vezes, Maria Brites teria tido êxito. Facto que não diminuía a responsabilidade da mãe, como era de todo evidente. Esperava à porta do quarto-maternidade, naquela angústia em que a impaciência converte o tempo de vida numa fagulha no ar, numa escala de eternidades de desespero. Queria que as horas passassem, voassem, cravava as unhas nas pernas, por dentro dos bolsos, para que ninguém percebesse a ansiedade. De quando em vez tirava-as para, disfarçadamente, humedecer os lábios e passar com as costas da mão pela testa e pela boca seca como cortiça. A um ligeiro abrir de porta respondeu com um salto de reflexo inconsciente, cerrou os punhos; desta vez, os primeiros choros protestativos e veementes do recém-nascido, misturados com os gemidos abafados da mãe e com a visão da bolsa testicular, bem dilatada, descansaram-no. Agradeceu a Deus, à ti Joana e à ti Maria Brites, sem ser com o rigor desta ordem. Cumpriria a promessa de chamar Bartholomeu ao seu primogénito.



A educação fora entregue à mãe. Criar filhos era mister de mulher. À excepção da maioria dos miúdos da vila, não andava descalço. Acompanhava-os sem escolha de pés ou botas e, escapando à vigilância

materna, ia aos ninhos e ao que mais houvesse, nadava nas ribeiras e fingia-o nos charcos, batia-se com e pelos amigos. Cada pedrada tinha sempre destino, insistentemente estimulado e compreendido pelo vidraceiro da vila: “Um miúdo tirado das canelas.” Depois deste parto, o enguiço havia sido quebrado e o ventre brotou vida mais vezes. O homem estava conciliado com Deus e com a sua mulher.

Maria Brites gostava de atribuir tarefas ligeiras aos filhos, enquanto o faziam deixavam-na em paz para poder trabalhar e, ao mesmo tempo, o somatório destes pequenos recados poupava-lhe tempo e canseiras. Coube a Bartholomeu ir buscar o leite numa pequena bilha de latão de boca estreita e com a físga num dos bolsos, a sua inseparável arma. Foi numa correria e quanto mais depressa corria mais ouvia o silvado arrepiante que saía da boca da bilha sem tampa. Para o miúdo o recipiente não era o autor daquela ameaça sonora, era o Medo que o queria agarrar e fazer-lhe não sabia o quê, talvez engoli-lo. No regresso entendeu que tinha que vencer e matar o Medo. Estava decidido, mas em todo o caso, não se importaria que a leiteira demorasse mais algum tempo. Com o leite aviado, respirou fundo, antes de tomar a decisão da sua vida. Olhou para a rua estreita e escurecida, em que as sombras provocadas pelo luar eram uma ameaça assustadora, ganhavam movimento e vida. O melhor seria poisar a bilha, municiar os bolsos de pedras e então estaria pronto a enfrentar o Medo, caso aparecesse outra vez a assobiar-lhe. O peso do recipiente não o deixava correr, mas também não lhe queria mos-

trar que receava enfrentá-lo. Seguiu o caminho pela Praça do Pelourinho tentando mostrar-se forte, nem sabia onde punha os pés; no entanto, olhou para cima, não fosse estar um enforcado esperneando, mas ao mesmo tempo tentava convencer-se que nada o amedrontaria. A travessia foi longa e temerosa, digna de Bartholomeu Dias e de Lourenço também. Chegou são e salvo, sem ter necessidade de atirar uma pedra, tal o respeito que impôs ao Medo, não tinha qualquer dúvida, havia-o vencido e para sempre.



Quando iniciou os estudos primários já tinha mais dois irmãos. O pai prometia continuar o aumento da prole. Aproveitava a mais pequena oportunidade para lhe falar dos tempos de menino, das dificuldades que passara na terra natal, a Beira Alta metropolitana. Repetia-se sem fim nem consciência disso, apesar da indiferença do filho. Dava a saber que o avô Simeão, camponês de fracos cabedais, quando lhe nascia mais um filho, tinha que fender mais troncos de vinha, esmerar-se na escolha dos sarmentos para aplicar na melhor parte da cepa. De enxada em punho, as vinhas enfezadas teriam de produzir mais vinho para mais bocas. Muito diferente dos actuais tempos, fartos de ouro e diamantes às arrobas, pelo menos para a corte. As últimas palavras do discurso eram repetidas em coro, num murmurar enfadado mas imperceptível ao ouvido paterno.

Depois dos estudos primários, entrou para o Seminário de Belém, na Bahia. O objectivo fora definido pelo pai: completaria o Curso de Humanidades, que também tinha sido aconselhado pelo seu grande amigo padre Alexandre de Gusmão, fundador e director deste Seminário.

Ainda jovem, filiou-se na Companhia de Jesus por obediência e admiração sincera pelo fundador do Seminário, razão por que Bartholomeu de Lourenço acrescentará, para sempre, Gusmão ao seu nome.



Ia revendo o passado quando deixou o saco cair morto na areia, ao mesmo tempo que tombou sentado. Por sorte o chão aliviou a queda. Respirou fundo. Lançou qualquer coisa para a água e não obteve qualquer resposta, apenas algumas ondas circulares. Quando se dissiparam, inspirou com energia até unir os ombros às orelhas. Abriu o saco dos livros, disposto a derrotar as Ciências Matemáticas e as Ciências de Astronomia.

Arrependeu-se. Estava cansado da Mecânica e, ao mesmo tempo que pensava nesta matéria, surgiu-lhe a imagem dum homem a voar pelos céus de braços abertos ao mundo, docemente, virando para a esquerda com suavidade, depois sobre o telhado da Universidade com mais suavidade, planando como uma qualquer ave divertida e descontraída. Fez um pequeno desvio para a direita, ainda mais suave. Levemente, quase ausente da força da gravidade, pairava sobre os bairros mais velhos da cidade com um sorriso de feli-

cidade. Descia e subia ao sabor da sua vontade. Sob o corpo tinha um qualquer equipamento que tornava possível o voo, uma *machina* perfeita. Sonhada e concebida por si, ideia alimentada desde a infância mais remota e escondida para os outros na memória, um secretismo defensivo, por saber que não o entenderiam e bastante útil para evitar a ironia e a chacota.

O Seminário da Companhia de Jesus, na Belém brasileira, trazia-lhe boas e más recordações, mais as últimas do que as primeiras. Os castigos impunham-se-lhe com uma frequência que só Deus se lembrava. Por causas ridículas, como por gostar de subir aos telhados ou às árvores. Mas valia bem a punição, ah!, sabiam lá como era bom ficar por ali a olhar o espaço infinito, abrir os braços e envolvê-lo enquanto inspirava com um sorriso. Sabiam lá o prazer sentido com grande excitação ao topar demoradamente o voar disperso e liberto das aves. Muitos castigos por outras tantas sem-razões, de tal modo que não queria fazer o mínimo esforço para se lembrar. Mas, com um sorriso malicioso, retinha ainda na memória a cara do padre Serafim, quando deixou cair a imagem de Cristo sobre a Santa Maria Madalena. A força da gravidade encarregou-se de os deixar numa posição sobreposta, muito pouco católica apostólica romana, ou seja, um sobre o outro. O padre fez um ah! de espanto, num gesto efeminado levou os dedos à boca, corou de vergonha. Bartholomeu desatou a rir, sem conseguir reter nem dissimular a vontade. O padre Serafim castigou-o, talvez para não se castigar.

Tantos anos passados e nunca sentira o Seminário como a sua casa. A maioria dos noviços e professores

olhavam-no como uma ovelha tresmalhada do ordeiro rebanho, e pior, com a suspeita de não respeitar o rigor do catolicismo vigente. Excepto o seu amigo André, que por completo na pia baptismal lhe chamaram André Álvares de Santa Maria. Quantas vezes, mesmo sem o compreender, o apoiava sem nunca resgatar a palavra solidariedade consigo. Era um rapaz muito alto, magro, moreno e com acentuada propensão para protector do amigo, sabendo-o anormalmente descuidado e distraído. Por vezes, assumia uma cara zangada para lhe relembrar coisas pequenas, porque, com inteira razão, pequenas falhas podiam ser convertidas em faltas ou castigos graves.

André gozava com prazer galhofeiro ao assistir a certas conversas em que Bartholomeu expunha algumas das suas ideias aos outros colegas. Por vezes nem ele próprio sabia se o amigo estava a falar a sério ou a tirar partido da alarvice dos outros. Um dia, não teve dúvidas que estava mesmo com um ar sério quando o vira olhar para cima. Pôs-se ao lado dele, tentando aperceber-se para onde olhava tão fixamente de testa enrugada, sinal que na cabeça rodopiavam pensamentos interrogativos. Eram cerca de 100 metros de altura, perguntou-lhe por que raio era necessário levar a água a balde da ribeira lá para cima. Negroponte meteu-se na conversa e avisou-o resmungando que seria bem melhor ajudá-lo a levar alguns baldes de água do que ficar ali parado, feito asno, à espera que subissem por si. Bartholomeu agradeceu-lhe o facto lhe ter dado uma excelente razão para pensar, um desafio para lhe demonstrar que em primeiro lugar

não era burro, em segundo lugar por que não tinha a cabeça apenas para separar as orelhas e, por último, por que razão não subiriam os baldes sozinhos? Também eles eram burros? André até se dobrara de riso ao ouvir as palavras do amigo e ao ver a carantonha vermelha de suor e flácida de Negroponte, pois sabia que Bartholomeu não o iria deixar sem uma solução.



Durante três noites seguidas, depois das aulas e dos preceitos religiosos cumpridos, fechou-se no quarto. Viam-no, fugazmente, procurando velas de sebo, apressando-se na retirada para a clausura com passadas largas e apressadas com um jeito de andar ligeiramente curvado para a frente. Murmuravam que tinha bossa de inventor, não se incomodava quando lhe chegava aos ouvidos. André apenas o ia ver e dizer um “Olá” rápido para se certificar que estava tudo bem com o amigo e ia-se embora. Muitas das vezes Bartholomeu respondia-lhe, mas André já se tinha ido há algum tempo. Outras tantas vezes nem sequer o ouvia.

Num final de tarde, viram-no sair da auto-reclusão, desganhado e apressado pelos corredores com um monte de papéis mal tratados debaixo do braço. De caminho, disse aos companheiros de aula Gaspar e Tomé para o acompanharem. “Tragam os baldes com água. Tragam. Tragam isso depressa.” Assustados pela iminência de um fogo, respeitaram a ordem. “Agora, ponham-nos aí. Tu, vai lá para cima. Ajuda-me a

montar o engenho aqui em baixo. Puxas essa manivela quando eu te gritar.”

Uma hora depois, preenchida com grande azáfama de ordens e contra-ordens, algumas acatadas e outras não, perante a assistência com o sobrolho entre o carregado e o hilariante, a maquineta começava a funcionar, ou seja, a ranger. O padre Serafim e Negroponte abriram as bocas em forma ovalóide e fixaram a maquineta com olhos de peixe. Olharam para o inventor como se fosse Satanás. Recuaram por instinto e quando tiveram a certeza que não era o Demo, ainda assim, não puderam evitar o espanto e a dificuldade em acreditar na visão da água a subir sem ser à força de braços. André, de mangas arregaçadas e a transpirar, não perdeu a oportunidade para se enfiar no meio dos dois espectadores atónitos e dizer-lhes, com um ar aparvalhado, tentando imitá-los no aspecto, que era tanta a água que por ali subia que até os peixes se afogavam. Retomando a consciência, perceberam o ridículo em que se tinham atolado e fixaram-no com olhares coriscantes.

Bartholomeu, de pernas semiabertas, qual estrategista militar dominador da situação, debruçou-se sobre o amontoado de papéis repleto de escritos indecifráveis, de desenhos, riscos e escrita algaraviada. André espreitou e conseguiu ler: *“Processo para fazer subir a água a toda a distância que se quiser levar.”* Riu às gargalhadas de forma quase incontrolada. Olhava e continuava a rir, debruçando-se e batendo com as mãos nos joelhos, enquanto apontava o indicador para Negroponte.

Bartholomeu voltou-se, sorriu, deu uma palmadinha suave e solidária nas costas do amigo e foi-se embora, abanando a cabeça com o olhar no chão. Chamou-lhe então “*carneiro hidráulico*”. Significava uma seta dirigida à “carneirada” daquele insípido e acéfalo rebanho. Palavras que atirava como uma pedra, quando o aborreciam, sobretudo a Negroponte.

Desde os estudos primários que não suportava Bartholomeu. Tinha-lhe uma inveja obsessiva, logo detectada por André, que se esforçou por demonstrá-lo ao amigo. Negroponte não suportava a fluidez de raciocínio de Bartholomeu, a capacidade inventiva, a estatura física, as médias escolares, a bata, os sapatos, a camisa, a ardósia, o risco ao meio, tudo, todo. Por seu lado, tinha que fazer um enorme esforço para obter resultados sofríveis porque, de facto, não chegava a ser medianamente inteligente. Em criança, tinha dificuldade em brincar com os outros devido ao excessivo peso e os miúdos não hesitavam em afastá-lo e ridicularizá-lo, eram cruéis, o que o deixara com uma raiva e um recalçamento profundos. Não escapava aos olhos demolidores e críticos das crianças o andar sempre a escorrer suor ao mínimo esforço, as unhas roídas, lançando a despropósito pequenos risinhos abafados, irritantes e nervosos.